



# Revista Brasileira

---

FASE VII 🐉 JULHO-AGOSTO-SETEMBRO 2001 🐉 ANO VII 🐉 Nº 28

*Esta a glória que fica, eleva, honra e consola.*

MACHADO DE ASSIS

ACADEMIA BRASILEIRA  
DE LETRAS 2001

DIRETORIA:

Tarcísio Padilha – *presidente*  
Alberto da Costa e Silva – *secretário-geral*  
Lygia Fagundes Telles – *primeira-secretária*  
Carlos Heitor Cony – *segundo-secretário*  
Ivan Junqueira – *tesoureiro*

MEMBROS EFETIVOS:

Affonso Arinos de Mello Franco,  
Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio  
Filho, Antonio Olinto, Ariano Suassuna,  
Arnaldo Niskier, Candido Mendes de  
Almeida, Carlos Heitor Cony,  
Carlos Nejar, Celso Furtado,  
Eduardo Portella, Evandro Lins e Silva,  
Evanildo Cavalcante Bechara,  
Evaristo de Moraes Filho,  
Pe. Fernando Bastos de Ávila, Geraldo  
França de Lima, Ivan Junqueira,  
Ivo Pitanguy, João de Scantimburgo,  
João Ubaldino Ribeiro, José Sarney, Josué  
Montello, Lêdo Ivo, Dom Lucas Moreira  
Neves, Lygia Fagundes Telles, Marcos  
Almir Madeira, Marcos Vinícios Vilaça,  
Miguel Reale, Murilo Melo Filho, Nélida  
Piñon, Oscar Dias Corrêa, Rachel de  
Queiroz, Raymundo Faoro, Roberto  
Campos, Roberto Marinho, Sábado  
Magaldi, Sergio Corrêa da Costa,  
Sergio Paulo Rouanet, Tarcísio Padilha.

REVISTA BRASILEIRA

DIRETOR:

João de Scantimburgo

CONSELHO EDITORIAL:

Miguel Reale, Carlos Nejar,  
Arnaldo Niskier, Oscar Dias Corrêa

PRODUÇÃO EDITORIAL E REVISÃO

Nair Dametto

PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Estúdio Castellani

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS  
Av. Presidente Wilson, 203 – 4º andar  
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20030-021  
Telefones: Geral: (0xx21) 524-8230  
Fax: (0xx21) 220.6695  
E-mail: [abl2@openlink.com.br](mailto:abl2@openlink.com.br)  
site: <http://www.academia.org.br>

As colaborações são solicitadas.

# Sumário

## Celebração

EDITORIAL	Dois centenários. . . . .	5
LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO	No centenário de Cecília Meireles . . . . .	9

## Prosa

FÁBIO LUCAS	A Lírica de Henriqueta Lisboa . . . . .	25
ARNALDO NISKIER	O papel do educador como agente de transformação . . . . .	41
JOÃO DE SCANTIMBURGO	A crise modernista e a Semana de Arte Moderna. . . . .	53
EVANDRO LINS E SILVA	Centenário de Alcântara Machado .	65
EVANILDO BECHARA	José de Alencar e a língua do Brasil. .	73
DÁRIO MOREIRA DE CASTRO ALVES	A idade da eternidade .	95
Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – 2001 . . . . .		103
	Discurso do Acadêmico Alberto da Costa e Silva. . . . .	104
	Discurso do Escritor Luiz Felipe de Alencastro . . . . .	108

## Poesia

ALBERTO DA COSTA E SILVA	Poemas . . . . .	115
DORA FERREIRA DA SILVA	Epidauro. . . . .	141
VERA LÚCIA DE OLIVEIRA	Poemas . . . . .	145
JOÃO GUILHERME RIPPER	Poemas . . . . .	155
GEORGE TAVARES	Poemas . . . . .	161

## Guardados da memória

ASSIS CHATEAUBRIAND	Clementino Fraga na Academia .	167
---------------------	--------------------------------	-----





*Litterarum vincitur pace*  
Vence-se pela paz das letras.

## EDITORIAL

# Dois centenários

**T**emos comemorado centenários de escritores. No último número da revista, comemoramos os centenários de Augusto Meyer, elogiado por Alceu Amoroso Lima, e na opinião de Josué Montello o maior escritor brasileiro de sua época. Comemoramos também o centenário de Paulo Carneiro, uma das maiores autoridades no pensamento de Augusto Comte, cuja correspondência e outros papéis colecionava para publicação definitiva. Paulo Carneiro foi uma das grandes autoridades em química, pois se ocupou do curare, o terrível veneno dos índios do Norte, isolando seu princípio ativo para uso médico. Com grande sucesso. Já havíamos comemorado o centenário de José Lins do Rego, um dos maiores romancistas brasileiros do século XX, não obstante não se preocupasse, como deveria, com a forma, embora ela fosse atraente e sedutora. A Academia cumpre o seu dever, não só pela comemoração, como pela fixação das figuras literárias, seus membros ou não, que mereçam a perenidade do papel impresso, a estante e a consulta pelos interessados,

ACIMA:

Medalha comemorativa da fundação da Academia.

*Desenhada e moldada pelo escultor Girardet em 1897, só foi cunhada em 1940, na presidência Celso Vieira, transformando-se a data 1897 do modelo primitivo em 1897-1940.*

como ocorreu e ainda ocorre com Machado de Assis, que tem faiscadores permanentes em sua obra ou à cata de produções de sua pena privilegiada.

Esta é nossa política editorial, a de conservar na revista da Casa a lembrança perpétua dos que passaram por ela e deixaram o testemunho de seu interesse e amor pela língua e a literatura nacionais, conforme o artigo primeiro dos Estatutos.

Neste número, optamos por homenagear duas grandes escritoras, tão grandes que deixaram um lugar marcado, inocupável como autoras de obras que enriqueceram a literatura brasileira. Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa são duas notáveis escritoras, que demonstraram, com seus trabalhos, de prosa e de poesia, ser a língua portuguesa uma das mais belas do mundo, desde que bem escrita, como o foi nas obras das homenageadas. Todas as línguas encerram beleza, para quem as domina e sabe lê-las com sentimento. A língua portuguesa, porém, vai além dessas simples reflexões, pois nela escreveram Machado de Assis, Euclides da Cunha, Rui Barbosa, para citar apenas três nomes solares, que deixaram para a posteridade páginas de rara beleza literária. Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa filiam-se à corrente dos grandes escritores brasileiros. É esse o motivo por que as homenageamos neste número, quando estão completando cem anos, embora já tenham partido deste mundo, onde tanto brilharam. São dois centenários de ouro.

## NA PÁGINA SEGUINTE:

Cecília Meireles, na “Exposição Cecília Meireles – Estudos de Gesto e de Ritmo”, e seus desenhos expostos em abril de 1933 na Pró-Arte do Rio de Janeiro. Sobre a mesa o álbum de visitantes da exposição, contendo, entre outras, as assinaturas de Renato Almeida, Ribeiro Couto, Andrade Muricy, Tasso da Silveira, Mozart Araujo, Carlos Lacerda, Marques Rebelo, Estela Guerra Duval, Barreto Filho, José Geraldo Vieira, Antenor Nascentes, Olegário Mariano, Luiz Heitor Correa de Azevedo, Alcides Rocha Miranda, Roberto Burle Marx, Candido Portinari, Celso Antonio, Lélío Landucci, Edson Motta e Guignard. *O Malho* estampou em edição do dia 24 de abril a fotografia da mostra reproduzida a seguir, cujos direitos de imagem foram devidamente concedidos para esta edição por *Solombra Books*.





# No centenário de Cecília Meireles

LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO

Para as comemorações do centenário de nascimento de Cecília Meireles (Rio de Janeiro, 7 de nov. de 1901 – Rio de Janeiro, 9 de nov. de 1964), a Editora Nova Fronteira vai publicar o primeiro volume (serão cinco ao todo) das *Crônicas e ensaios sobre Educação*, conforme planejamento editorial que nos foi solicitado pela família da escritora e pelos editores. A impressão de sua vasta obra em prosa, tão importante quanto a obra poética, envolve: *Crônicas em geral* (3 volumes), com o primeiro já publicado; *Crônicas de viagem* (3 volumes), todos já editados; *Tipos humanos e personalidades* (2 volumes), a sair; *Educação e folclore* (5 volumes), com o primeiro a sair no corrente ano; *Conferências e ensaios* (3 volumes), em preparo; *A questão autoral das Cartas chilenas e Curso de Teoria e Crítica literárias* (1 volume), em preparo; e *Varia* (4 volumes), também em preparo, com a reunião de entrevistas, teses de concurso e outros textos em prosa não incluídos nos volumes anteriores.

Professor  
Emérito da  
UERJ, Titular  
da UFRJ e  
Presidente da  
Academia  
Brasileira de  
Filologia.

Em nossa longa vida universitária, estudando a corrente espiritualista do Modernismo no Rio de Janeiro, além da edição fac-similada da revista *Festa* e dos livros sobre a poesia de Tasso da Silveira e de Murilo Araújo, coube-nos publicar, pela Editora José Olympio, o volume *Língua e estilo de Cecília Meireles* (Rio de Janeiro, 1970), todo ele dedicado à obra poética da grande escritora. Por isso mesmo, aceitamos o honroso convite para reunir, em vários volumes, a considerável e importantíssima obra em prosa de quem dedicou a vida inteira ao jornalismo, à pesquisa universitária, ao magistério e à literatura.

Em estudos anteriores, em dois planos temos considerado a autora de *Viagem*: o plano do *ad extra* e o plano do *ad intra*. No primeiro, para responder à pergunta “Quem foi Cecília Meireles?”, bastaria, entre várias outras fontes, recorrer a alguns subsídios dos arquivos implacáveis de José Condé, página publicada na revista *O Cruzeiro* (Rio de Janeiro, 31-12-1955). Vejamos isso, objetivamente: após o curso primário na Escola Estácio de Sá, do Rio de Janeiro, diplomou-se pela Escola Normal do Instituto de Educação (1917); poucos anos depois casou-se com o artista português Fernando Corrêa Dias (1922). Foi mãe de três filhas: Maria Elvira, Maria Matilde e Maria Fernanda. Lecionou no Instituto de Educação e na antiga Universidade do Distrito Federal, em ambos os casos considerada excelente professora. Altura: 1,64. Peso: 59 quilos. Sapato: nº 37. Foi quase vegetariana. Não fumava, não bebia, não jogava. Não praticou nenhum esporte, mas gostava de caminhar e “seria capaz de dar a volta ao mundo a pé”. Não gostava de futebol e raras vezes ia ao cinema, mas apreciava muito o bom teatro. Respondia a todas as cartas recebidas, mas demorava um pouco em agradecer livros, pois só o fazia depois de os ler. Adorava música, especialmente canções medievais, espanholas e orientais. Eram poetas de sua preferência todos os bons poetas. Em pintura, dava certa primazia à arte flamenga. Tinha o hábito de dormir e acordar cedo. Leu *Eça de Queirós* antes

dos 13 anos. Escreveu o seu primeiro verso aos nove anos. Estudou canto, violão, violino e gostava de desenhar. Se pudesse recomeçar a vida, gostaria de ser a mesma coisa, porém, melhor.

Publicou *Espectros*, seu primeiro livro de poesia, em 1919, aos 18 anos, revelando certo gosto parnasiano. Em livros posteriores, como *Nunca mais ... e poema dos poemas* (1923) e *Baladas para el-rei* (1925), a herança simbolista impôs-se à parnasiana. Ficou viúva em 1935.

A sua fase de plena maturidade poética e criação de um estilo próprio e inconfundível tem início em 1938, com a publicação de *Via-gem*, obra premiada pela Academia Brasileira de Letras, no ano seguinte. Daí por diante o seu teclado lírico foi produzindo os mais belos poemas da literatura brasileira do seu tempo, com ampla repercussão em Portugal e vários e sucessivos livros publicados.

Casou-se, em 1940, com o professor Heitor Grillo. Seu principal defeito: “uma certa ausência do mundo”. Seu tormento: “desejar fazer o bem a pessoas que precisam de auxílio e não o aceitam”. Nunca viu assombração, “mas gostaria de ver”. Não tem medo de viajar de avião em viagens longas. Gostaria de retornar ao Oriente e chegar até à China. Também gostaria de ficar por mais tempo no Mediterrâneo. Coleccionava objetos de arte popular. A certa altura, também coleccionou xícaras e colheres de café, “mas hoje o café se tornou tão ruim, que não vale a pena coleccionar seus acessórios”.

Emocionou-se muito ao chegar aos Açores, terra de seus antepassados. Ficou muito feliz ao ver sua “Elegia a Gandhi” traduzida em idioma da Índia. Embora admirasse a França, não conseguia gostar de Paris. Tinha imensa admiração por São Francisco de Assis, Gandhi e Vinoba Bhave. Tinha horror em tocar em papel carbono, ver alguém comendo ostras e aspirar fumaça de ônibus. Amava crianças, objetos antigos, flores, música, cravo, praia deserta, livros, muitos livros, noite estrelada com nuvens ao mesmo tempo. Por fim, não tinha medo de morrer.

Em linhas muito gerais, sem incluir as numerosas viagens que fez, acima apresentamos o retrato de Cecília Meireles, em nível de *ad extra*.

Mas, quem foi ela, em nível de *ad intra*?

A resposta a tal indagação está em sua obra de arte literária, em prosa e verso, desafiando uma revelação que nunca terá fim, por mais que se escreva sobre ela ou que ainda se venha a escrever. Nesta mesma *Revista Brasileira*, a convite do nosso eminente amigo João de Scantimburgo, já tivemos oportunidade de tratar da obra poética, publicando longo ensaio intitulado “Cecília Meireles – poesia do momento fugaz ou poesia do eterno instante”, com pequena antologia de textos por nós selecionados. Hoje voltamos a nossa atenção, atendendo a novo convite, para sua obra em prosa, agora enfeixada em vários volumes pela Editora Nova Fronteira, conforme planejamento editorial já aqui referido. Não a obra em prosa em sua totalidade, pois a apreciação crítica das várias dimensões intelectuais daquela que escreveu com a mão de fada ocuparia numerosíssimos volumes, indo além de um artigo. Por isso mesmo, tivemos que escolher um caminho. E este caminho já está eleito, com a publicação, no ano do seu centenário, do primeiro volume de crônicas e ensaios sobre *Educação*, apenas disso tratando-se aqui.

Na “Apresentação” do volume, procuramos ressaltar, de início, a extensa e intensa publicação de textos sobre educação no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, de 1930 a 1933, onde Cecília manteve uma página diária com entrevistas, noticiário, artigos e uma coluna denominada “Comentário” – e só aí há centenas e centenas de colaborações, na verdade mais de 700 textos. Sendo assim, o que nos coube propor foi uma seleção preliminar de artigos, em busca das linhas mestras do pensamento de Cecília, artigos agrupados em núcleos temáticos. Ainda sobre a educação, a escritora fez conferências, participou de congressos e escreveu crônicas na coluna “Professores e estudantes” do jornal *A Manhã*, também do Rio de Janeiro, de

1941 a 1943, com extraordinária repercussão nos meios educacionais brasileiros. Em momento algum, ela poupou críticas aos poderosos, sempre em defesa da educação.

Como é evidente, tudo isso se insere no clima de uma época, que se foi formando antes mesmo da primeira metade do século XX e que se prolongou além dela, num vasto panorama, aqui apenas delineado. Já em 1925, a reforma Rocha Vaz, aliás alvo de muitas críticas, demonstrava interesse pelo ensino secundário e pelo ensino superior, criando-se então o Departamento Nacional de Ensino. Pouco depois, no Rio de Janeiro, a Câmara Municipal aprovaria a Reforma Fernando de Azevedo, exatamente no dia 23 de janeiro de 1928. Data mais ou menos dessa época a construção e inauguração, ainda no Rio de Janeiro, do belíssimo prédio do Instituto de Educação, como depois foi chamado, modelar estabelecimento de ensino normal, aí diplomando-se e já saindo empregadas as professoras de nossas escolas primárias, depois de estudarem com os maiores mestres e grandes educadores daquele momento histórico. Como ninguém ignora, o Instituto de Educação e o Colégio Pedro II, na antiga capital da República, eram mesmo as nossas duas instituições educacionais verdadeiramente exemplares, como sempre nos dizia Anísio Teixeira.

Com a Revolução de 30 – e nela Cecília Meireles de início acreditou –, criando-se o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, pelo Decreto nº 19.402, de 14 de novembro do mesmo ano, a instrução pública teria novo impulso, nomeando o Governo Provisório o professor Francisco Campos para dirigir o Ministério recém-criado, de sua política educacional discordando Cecília Meireles, entre muitos outros. E tivemos então duas reformas: uma voltada para a implantação do Estatuto das Universidades Brasileiras, e outra comprometida com a reestruturação do ensino secundário. A essa altura, Fernando de Azevedo iria encabeçar um movimento de

renovação pedagógica, consubstanciado no *Manifesto dos pioneiros da Educação Nova*, publicado em 1932. Assinaram o *Manifesto*, além de Fernando de Azevedo – e isso entre muitos outros nomes ilustres, como o de Cecília Meireles – os eminentes educadores M.B. Lourenço Filho e Anísio Teixeira, ao lado de outros mestres como Roquette-Pinto, Francisco Venancio Filho, Delgado de Carvalho, Afrânio Peixoto, Pascoal Leme e Sampaio Dória, numa relação apenas exemplificativa, sem esgotar a lista de notáveis signatários. O *Manifesto*, mais tarde publicado na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, então mantida pela Associação Brasileira de Educação, repercutiu em todos os nossos estados. Considerando, conforme o pensamento sábio de Miguel Couto, que a educação era o primeiro problema nacional, de sua solução dependendo os demais problemas, entre os quais a própria e sempre inquietante questão econômica, novos e largos horizontes foram abertos para a reflexão vertical em todos os níveis de ensino. Cecília Meireles, no verdor dos seus 30 anos, bravamente lutava, como jornalista, pelas idéias do *Manifesto*.

Em linhas muito gerais, pois escreveríamos um livro se fôssemos analisar miudamente a questão, o *Manifesto* procurava estabelecer, em bases teóricas, as diretrizes de uma política escolar centrada em novos ideais pedagógicos e sociais, planejando-se a educação para uma civilização em mudança, conforme a expressão de Kilpatrick, muito corrente na época. Procurava-se também melhorar o processo nas áreas urbana e industrial, criando-se laços de solidariedade nacional e mantendo-se o respeito à democracia. Assim, procurava-se adaptar a educação, como a vida em geral, “às transformações sociais e econômicas, operadas pelos inventos mecânicos que governam as forças naturais e revolucionaram nossos hábitos de trabalho, de recreio, de comunicação e de intercâmbio”. (A propósito, veja-se o livro *A reconstrução educacional no Brasil. Ao povo e ao governo. Manifesto dos pioneiros da Educação Nova*, com uma introdução de Fernando de Azevedo, p.

7-30. Em apêndice: “A nova política educacional”. Esboço de um programa educacional extraído do *Manifesto*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1932, p. 113-117.) O próprio Fernando de Azevedo, em seu conhecido livro *A cultura brasileira*, menciona os objetivos nucleares a serem atingidos:

A defesa do princípio de laicidade, a nacionalização do ensino, a organização da educação popular, urbana e rural, a reorganização da estrutura do ensino secundário e do ensino técnico e profissional, a criação de universidades e de institutos de alta cultura, para o desenvolvimento dos estudos desinteressados e da pesquisa científica, constituíam alguns dos pontos capitais desse programa de política educacional, que visava a fortificar a obra do ensino leigo, tornar efetiva a obrigatoriedade escolar, criar ou estabelecer para as crianças o direito à educação integral, segundo suas aptidões, facilitando-lhes o acesso, sem privilégios, ao ensino secundário e superior, e alargar, pela reorganização e pelo enriquecimento do sistema escolar, a sua esfera e os seus meios de ação. (*A cultura brasileira*, tomo III da 3ª edição. São Paulo, Melhoramentos, 1958, p. 175.)

Sem dúvida, o *Manifesto* – aliás, bastante idealista – procurou analisar, em amplitude, o problema da educação no Brasil, definindo princípios e traçando várias diretrizes para um programa de ação em todo o território nacional. Mas houve, como seria de esperar em matéria tão complexa e num país com as dimensões do nosso, discussões e sérias divergências entre grupos que se opuseram radicalmente, ou como se dizia na época: “Havia um conflito entre duas mentalidades, uma que lutava porque estava morrendo e outra que lutava porque estava nascendo.” No livro acima citado, Fernando de Azevedo assim se manifesta:

Elementos de vanguarda tomavam posições na imprensa do país, especialmente no Rio de Janeiro onde, no *Diário de Notícias*, de 1930 a 1933,

*Cecília Meireles*, com suas crônicas finas e mordazes, e *Nóbrega da Cunba*, com sua atividade sutil e de grande poder de penetração, *Azevedo Amaral*, em *O Jornal*, com sua dialética persuasiva a serviço de um pensador robusto, e, mais tarde, *J.G. Frota Pessoa*, que desde 1933 fez de sua coluna no *Jornal do Brasil* uma trincheira de combate, pela sua lucidez implacável e pela segurança de seus golpes, traziam novos estímulos e acentos novos a essa campanha, cujo conteúdo não se esgotava sobre o plano cultural, e ao longo de cujo desenvolvimento vibravam com uma força sustentada em espírito moderno e em sentimento profundamente humano. (op. cit., p. 181)

Na linha de algumas conseqüências objetivas, a nova política educacional levaria Fernando de Azevedo a ser convidado pelo interventor federal general Waldomiro Lima a ocupar o cargo de diretor-geral de Instrução Pública do Estado de São Paulo, aprovando-se, em 1933, um Código de Educação, realmente oportuno. O mesmo espírito renovador, um pouco antes, com Anísio Teixeira (1932-35) no então Distrito Federal, e, novamente, em São Paulo, mas já agora com A. de Almeida Júnior (1935-36), produzia os seus visíveis efeitos. Mas aqui, evidentemente, não nos cabe analisar, em extensão e profundidade, todas as realizações da Escola Nova no Rio de Janeiro e no resto do Brasil. (Abrimos parênteses, para dizer que usamos a expressão “Escola Nova” em homenagem à memória do nosso mestre e caro amigo M.B. Lourenço Filho, que nos deu a honra de colaborar na Revista do mesmo nome, por nós dirigida em 1951.) O percurso, realmente, seria muito longo e não queremos exorbitar as proporções normais deste simples artigo, viajando pelos estados e chegando às reformas de Gustavo Capanema e à construção do edifício do Ministério da Educação e Cultura, onde se conservam magníficos painéis de Portinari. Aqui apenas ressaltamos que o próprio Fernando de Azevedo, como acima vimos, cita o nome de Cecília Meireles como de vanguarda e em primeiro lugar, ao se referir à ação de escritores e intelectuais na imprensa daquele



momento histórico. E são essas crônicas “finas e mordazes” – nós preferimos dizer *de fino espírito crítico, muita coragem e reflexão* – que agora se reúnem em livro, em ampla amostra representativa. A seleção que nos coube fazer, para melhor análise do leitor e para a inadiável recuperação dos valores de base humanística na educação brasileira, seriamente prejudicados por uma reforma profissionalizante, ou pseudoprofissionalizante, que afinal não teve condições de realizar-se, de tal forma que hoje nem se tem um ensino de base humanística, pelo qual tanto se empenhou Cecília Meireles, nem se tem um ensino verdadeiramente profissionalizante... As questões magnas do *Manifesto* eram: a laicidade e a nacionalização do ensino.

Outra conseqüência positiva, sob os impulsos esclarecidos de Armando Sales de Oliveira, foi a criação da Universidade de São Paulo pelo decreto de 25 de janeiro de 1943. A exemplo do que ocorria em São Paulo, o prefeito do então Distrito Federal, Pedro Ernesto Batista, contando com o apoio de mestres da altura de M.B. Lourenço Filho e de Anísio Teixeira, no ano de 1935, criaria a Universidade do Distrito Federal, onde aliás lecionou Cecília Meireles e da qual foi primeiro reitor o escritor Afrânio Peixoto. As duas universidades reuniram um corpo docente altamente qualificado, inclusive com a participação de eminentes mestres estrangeiros. Por assim dizer, aquele foi um período áureo (e de saudosa memória!) na história da educação brasileira.

Pois bem, dentro desse vasto panorama, aqui ligeiramente esboçado, será preciso situar agora o pensamento e a ação de Cecília Meireles, sempre motivada por temas educacionais. Como linha mestra desse pensamento, tem-se que a reforma do homem é que pode concorrer para a reforma da sociedade e não o contrário. Portanto, estamos diante de outra dimensão da fascinante personalidade da grande escritora, já que momentaneamente deixamos de ter diante de nós a poetisa neo-simbolista saída do grupo da revista *Festa* ou a “pastora

de nuvens”, escrevendo poemas líricos de renúncia e alta espiritualidade; nem estamos diante da cronista voltada para a poetização do cotidiano, como não se tem aqui a viajante-autora de crônicas deslumbrantes, em contato com várias pessoas e diferentes civilizações. Também não é a Cecília que tinha o “vício de gostar de gente”, literariamente construindo uma obra em prosa orientada para a interpretação do homem, tanto os seres anônimos, como as grandes personalidades. Agora estamos diante do espírito crítico de uma jornalista combatente e preocupada com os problemas da educação do povo brasileiro, da escritora e da professora em campo de luta, defendendo valentemente as suas idéias – melhor seria dizer os seus ideais de educação – sempre com muita dignidade e reflexão crítica. Divergiu de grandes políticos e teóricos da época, pondo na defesa de suas posições todo o potencial de sua inteligente argumentação e da sua fina sensibilidade. O decreto do ensino religioso nas escolas, por exemplo, foi alvo de muitos questionamentos.

Cecília Meireles foi professora, aliás queridíssima pelos alunos, em todos os níveis e em todos os graus: primário, médio e superior. Na Escola Normal do Instituto de Educação chegou a defender tese para concorrer à cátedra de Português e Literatura, com o título de “O espírito vitorioso”, em 1929, quando tinha apenas 28 anos. Na imprensa, defendeu o que lhe parecia certo, não poupando críticas ao que lhe parecia errado. E o seu pensamento sobre educação será agora exposto em livro próprio, em textos que escreveu e publicou em diferentes fases de sua vida: a fase do *Diário de Notícias*, plena de entusiasmo, e a fase mais amadurecida de *A Manhã*.

Em síntese, na raiz do pensamento de Cecília Meireles pode-se depreender a sua convicção humanística, sempre preocupada com a formação (não apenas a informação) do educando. Escreveu maravilhosos livros de literatura infantil, em prosa e verso, visando à educação integral da criança; e escreveu vibrantes crônicas em defesa da re-

novação da escola brasileira, em todos os níveis e em todos os graus. No seu ideário pedagógico, como peças de um jogo de xadrez estruturalmente dispostas, de modo claro e inequívoco se nos deparam as linhas mestras do seu pensamento, a partir do respeito à personalidade do aluno, em todas as fases de sua formação e em todas as idades do seu crescimento e desenvolvimento. Na infância, após a idade pré-escolar ou perguntadora, os especialistas em psicologia evolutiva, genética ou das idades assinalam que, a partir dos sete anos, a criança dá início à aquisição dos quadros lógicos do adulto. Depois vem a idade adolescente, quando se vive uma fase de transição, pois já não se é criança e ainda não se é plenamente adulto. Em tudo, Cecília Meireles demonstrava largos conhecimentos de psicologia educacional e deixava evidente a necessidade, nas escolas, da criação de competente serviço de orientação ou assistência pedagógica. Sempre à luz dos modernos fundamentos da educação renovada, de que nunca abriu mão, Cecília sabia que o jovem, em busca do seu lugar no mundo, é uma complexa unidade biopsicossocial, tornando-se assim indispensável que os futuros professores adquiram, nas faculdades, sólidos conhecimentos de biologia educacional, psicologia educacional e sociologia educacional, ao lado de sua formação em didática geral e especial. A grande escritora, por isso mesmo, tinha plenas condições de discutir o assunto com os mestres da época, sendo mesmo aplaudida pelos maiores deles, como foi o caso de Fernando de Azevedo, em passagem já aqui referida, e de M.B. Lourenço Filho, que, às vezes, levava para as suas magistrais aulas de psicologia educacional – e aqui damos o nosso testemunho – crônicas de educação de Cecília Meireles, como elemento básico de motivação da aprendizagem. Naquela época, acreditava-se no poder da educação em sentido amplo, sem esquecer a educação de adultos e o ensino supletivo, em sua ação de suprir (daí o nome supletivo), na idade adulta, a ação educativa que faltou na idade própria. Foi intensa a luta dos renovadores contra o conservadorismo.

Em suma, todo o espírito renovador, em matéria de educação, perpassa pelas páginas admiráveis do livro recém-publicado, como o leitor verá. Cecília defende, em sua coluna de vanguarda, no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, que os estudantes democraticamente também fossem ouvidos sobre as reformas de ensino, não apenas os professores; que os professores deviam ser remunerados condignamente (e como é atual o pensamento dela!), levando-se em conta a importância social do seu árduo trabalho; que o professor moderno deve ter formação adequada, para educar conscientemente; que a verdadeira educação não se deve limitar a pregar a fraternidade nacional, mas também a fraternidade universal; que a literatura infantil deve ser incentivada, ela própria criando uma biblioteca infantil modelar; que a Reforma Rocha Vaz não conseguiu resolver os problemas do ensino secundário, sendo alvo de muitas críticas; que a Reforma Francisco Campos foi um retrocesso; que é preciso acreditar nos jovens e na força de renovação que trazem consigo; que a teoria e a realidade nem sempre vivem de mãos dadas, em termos de educação; que a dramatização de fatos históricos motiva o ensino, que não pode ficar limitado às simples aulas de exposição oral; em suma, nada ficou por tratar na coluna “Comentário” do *Diário de Notícias*, em centenas e centenas de textos publicados entre 1930 e 1933, em que defendeu a laicidade e a nacionalização do ensino com muito ardor. Por isso mesmo, pareceu ao organizador do volume que o melhor seria procurar apreender, em núcleos temáticos seletivos, as linhas mestras do pensamento de Cecília Meireles sobre educação, como efetivamente se fez. Até porque no mesmo volume foram ainda incluídas as crônicas, também selecionadas, da seção “Professores e estudantes”, publicadas no jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, no período de 1941 a 1943.

Em conclusão, numa época movimentada por debates e polêmicas, o pensamento de Cecília Meireles, muitas vezes, valeu como um

ponto luminoso, orientando espíritos e procurando caminhos e soluções para o maior problema nacional, que foi e continua a ser o problema da educação e da cultura. Basta lembrar, a propósito de Anísio Teixeira, que houve quem confundisse as idéias do pragmatismo de John Dewey com práticas comunistas ou marxistas... Ao contrário de M.B. Lourenço Filho, o nosso grande teórico da *Escola Nova* e extraordinário professor de psicologia educacional, Anísio Teixeira, sempre preocupado com a educação de base, tinha o sentido pragmático das coisas, sentido que imprimiu aos cargos administrativos que exerceu, como foi o caso do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Naquela época, com inteira razão, dizia-se que, no mundo em que vivemos, *ou marchamos logo para a educação do povo, ou caminharemos para o caos*. A obra dos grandes educadores daquele momento histórico continua viva e atual: é preciso estabelecer as bases de uma educação comum para o povo; há necessidade urgente de uma nova política educacional, em que a escola pública seja realmente gratuita e obrigatória em todo o território nacional; urge a emancipação popular pela educação; é inadiável a busca de soluções adequadas para o problema da formação do magistério, nisso insistindo muitas vezes Cecília Meireles; e que se respeite, antes de tudo e com remuneração condigna, a dignidade do professor. Em suma, o pensamento de Fernando de Azevedo, M.B. Lourenço Filho, Anísio Teixeira, A. de Almeida Jr. e Venancio Filho, este último defendendo convictamente o ensino de base, entre tantos outros grandes mestres daquela época, deve ser retomado criticamente em nossas faculdades de Educação, em busca de metas orientadoras dos mecanismos de transmissão da cultura sistematizada nas escolas, para que a educação seja o compromisso máximo de todos nós. E só nos resta esperar que a publicação do livro em causa desperte consciências adormecidas e que todos encarem a educação do povo como o primeiro problema do Brasil.

De maneira geral, em cada núcleo temático, tão abrangente quanto possível, incluímos a seguinte matéria:

- I – Conceitos gerais de vida, educação, liberdade, beleza, cooperação e universalismo;
- II – Família, escola, infância e educação;
- III – Adolescência, juventude e educação;
- IV – Problemas gerais do magistério, métodos e técnicas de investigação pedagógica;
- V – Educação, revolução, reformas de ensino e ortografia;
- VI – Educação, política e religião;
- VII – Nova Educação, Escola Nova, Escola Normal e ensino público. Formação do magistério e qualidades do professor;
- VIII – Veículos de cultura e educação: poesia, cinema, teatro, música, exposições. Métodos auxiliares. O lúdico;
- IX – O espaço escolar: ambiente e ambiência. Prédios. Concursos;
- X – Educação e literatura infantil;
- XI – Intercâmbio escolar;
- XII – Educação, jornalismo, responsabilidade e censura da imprensa;
- XIII – Civismo na formação das crianças, dos adolescentes e dos adultos;
- XIV – Paz, desarmamento e não-violência.

No jornal *A Manhã*, de 1941 a 1943, manteve Cecília Meireles, como aqui já foi informado, uma seção intitulada “Professores e estudantes”, também de larga repercussão e influência nos meios educacionais brasileiros. A página do *Diário de Notícias*, onde publicou entrevistas, artigos, noticiário e a sua coluna intitulada “Comentário”, já era de uma década atrás, pois se estendeu de 1930 a 1933. Com pensamento naturalmente mais amadurecido, após o desencanto da primeira fase, logo na primeira colaboração, datada de 9 de agosto de 1941, declara:

Aparece este jornal num momento grave do mundo. E, sendo um jornal de idéias, não pode deixar de ter, numa das suas páginas, um canto permanentemente destinado aos assuntos de Educação.

Os temas, em sua imensa variedade, são os do momento e os de sempre: conceitos de vida, liberdade, cooperação e educação; o valor educativo das viagens; a tecnologia equivocada das máquinas; o amor à natureza; a valorização do trabalho; a boa leitura dos jornais; a cidade e o campo; história da educação no Brasil; educação ao alcance de todos; cinema e educação; homens, crianças e bichos; problemas do cronista de educação; a educação urbana e a rural; passado, presente e futuro do Brasil; elogio da culinária; crítica ao ensino memorizado e não reflexivo; teatro e educação; a construção do espírito universitário; ensino rural para adultos; educação e unificação dos países americanos; amor ao trabalho; educação e turismo; educação do pedestre; colônias de férias; atividades culturais; educação dos artistas; educação dos patrões; desenhos infantis; laicidade e nacionalização do ensino fundamental; etc. Observe-se que Cecília Meireles, em janeiro de 1933, abandonou a “Página de educação”, que mantinha no *Diário de Notícias*, por desencanto e por cansaço diante do conservadorismo sempre em oposição às idéias renovadoras. Mas retornou ao campo de combate, já agora em 9 de agosto de 1941, na coluna “Professores e estudantes”, do jornal *A Manhã*. Como é evidente, as duas fases, a do *Diário de Notícias* e a do jornal *A Manhã*, naturalmente se complementam, razão pela qual as incluímos no mesmo volume, mas dividido em vários tomos.